



ENTREVISTA
PAYAKÁ

A ecologia segundo Payakã

Entrevista a Edson Gillet Brasil

Aos 37 anos o índio BEP KOROROTY (nome de batismo na aldeia) conhecido entre os brancos como Paulinho PAYAKÁ, não quer mais ser chamado de cacique. Ele afirma que o nome cacique significa uma relação com a venda de ouro e madeira na reserva dos KAIAPÓ, que fica no Sul do Pará, a 1.200 km de Belém, no Norte do Brasil. PAYAKÁ prefere ser chamado de líder de aldeia AU-KRÊ, que é fruto da divisão da aldeia de KUBEN KRÁ KEN, sua aldeia de origem.

PAYAKÁ no momento tem um grande sonho, como defensor da ecologia, do meio ambiente e voz mais respeitada dentre a nação KAIAPÓ. Um sonho que, segundo ele, está próximo da realidade. Para isso acontecer ele quer manter distância do homem branco e organizar a nação KAIAPÓ. "A gente estava começando a se organizar e como sempre acontece, o homem branco entra no meio para destruir a união dos povos indígenas, protesta PAYAKÁ".

O desabafo de PAYAKÁ reflete o pensamento do seu projeto para a organização e sobrevivência do seu povo. Ele acusa o governo federal e a Funai de não fazerem nada pelo índio brasileiro. "Se o governo pagar para o índio preservar, o índio preserva", afirma o líder dos KAIAPÓ.

Sabedor que isso é uma utopia, PAYAKÁ resolveu partir para a luta e colocar o seu projeto em prática. Ele pretende criar uma TV que ele chama de TV KAIAPÓ - uma universidade e montar um projeto de industrialização da CASTANHA-DO-PARÁ (fruta nativa da região e exportada para todo mundo com o nome de "Brazilian Nut").

Em entrevista a Folha do Meio Ambiente em Belém, e usando um português aprendido no convívio com os brancos, PAYAKÁ - que é casado e tem três filhas com a índia KAIAPÓ IREKRAN - divide sua vida entre a aldeia ÁU-KRÊ, Redenção e Belém, revela os seus planos para organizar a nação KAIAPÓ, e informa em primeira mão que foi convidado pela ONU para apresentar um trabalho sobre a Reserva Ecológica de Pesquisa que ele pretende criar. A apresentação deve acontecer durante a Conferência do Rio de Janeiro, em 92. A reserva terá o apoio de entidades ambientalistas internacionais e brasileiras, e será instalada na Reserva KAIAPÓ, no Sul do Pará.

FMA - Paikã Como a nação Kaiapó está se organizando?

Paikã - A gente estava começando a se organizar e como sempre acontece, o homem branco entra no meio pa-

ra destruir a união dos povos indígenas, mas mesmo assim, nós índios estamos cada vez mais se unindo, cada vez mais organizando o nosso povo, para que continue na luta defendendo nosso território, nosso povo a nossa riqueza e a nossa ecologia, que é muito importante para todos nós.

FMA - A idéia de organização parte de algum projeto? Que projeto é esse que você está pensando para estruturar a nação Kaiapó?

Paikã - Olha, primeiro este projeto que eu estou tendo a idéia, é que chama TV-Kaiapó. Por exemplo, usando tecnologia eu acho que é importante para chamar atenção, não somente do nosso povo indígena, mas o povo não índio. Também com esse trabalho, criando TV, são vários grupos indígenas, usando esse projeto, usando tecnologia para que o nosso povo se organizando e unindo a força para ajudar mais a luta e a organização.

FMA - Como você está pensando essa TV? Tem a ajuda de quem?

Paikã - Realmente, nós somos do Terceiro Mundo e nós precisamos da ajuda de Primeiro Mundo, Segundo Mundo, onde tem mais tecnologia avançada. Nós estamos entrando em contato com a Suíça, onde há entidades interessadas em fazer doação de equipamento para nós criar este projeto, mas ainda está encaminhando esta conversação e também está dependendo dos jovens que estão estudando, treinando. Assim que os Kaiapó terminarem o estudo deles, ou então pegar a prática deles mesmo operar a câmera e dá conta do trabalho, várias entidades da Suíça e outros países estão prontos para fazer esta doação e talvez até o estudante vá buscar esta tecnologia fora do Brasil.

FMA - Como é o nome desta instituição na Suíça?

Paikã - No momento eu não tenho o nome desta instituição que está interessada em criar a TV-Kaiapó.

FMA - É só a Suíça que está interessada em ajudar ou há outros países?

Paikã - Tem outros lugares, por exemplo, na Alemanha, eu esqueci o nome da entidade interessada em ajudar.

FMA - Os guerreiros estão sendo treinados onde?

Paikã - Eu estou com dois jovens Kaiapó treinando

em Belém. Está junto com os funcionários da D'Campos (produtora de vídeo). É que eles estão pegando esta experiência.

FMA - Além da TV você está pensando em outros projetos?

Paikã - Além da TV Kaiapó, nós estamos com um projeto quase realizando do criar a Universidade Kaiapó. Eu coloco o nome de Universidade porque a questão da venda de madeira e garimpo está destruindo a nossa cultura e cada vez está chegando a morte dos nossos parentes, os velhos, que têm o conhecimento e a tradição do povo Kaiapó. Então, a cada ano a gente perde. Então, é a minha idéia de criar essa Universidade Kaiapó no centro da reserva aonde não existe nada. E também um território

Nós somos do Terceiro Mundo e precisamos da ajuda do Primeiro Mundo onde tem mais tecnologia avançada

rio onde vivia os Kaiapó antigamente, considerado um território sagrado. Então, lá é uma floresta entre uma e outra. Por exemplo, é o que chamam cerrado, e a outra metade que é floresta mesmo. Criando essa universidade nessa área é que os alunos vão estudar na floresta e no campo cerrado.

FMA - Com a universidade a preocupação é cultural. E para sobreviver, você tem algum projeto econômico?

Paikã - Na área de economia nós temos um projeto de castanha (castanha-do-pará, fruta nativa) que já está funcionando este ano. No lugar dos índios destruírem, cortar madeira para ganhar dinheiro para sustentar a comunidade e ter o garimpo para ter renda, e ganhar dinheiro destruindo, nós temos o projeto da castanha. Por exemplo, todo ano nós coletamos a castanha e nós produzimos o óleo e comercializando todo ano nunca vai acabar,



Payakã: TV-Caiapó a próxima meta

nunca vai ser derrubada uma árvore de castanha. E é um alimento nativo para qualquer nação indígena brasileira. É uma alimentação nutritiva, que sustenta o organismo e o corpo do índio que vai passar um tempo fora da comunidade, fora da comida que é produzida na roça.

FMA — Você é da aldeia Au-Krê. É a única que está produzindo esse trabalho com o óleo de castanha-do-Pará?

Paikã — É. E só a nossa aldeia que está produzindo o óleo de castanha.

FMA — Quantas aldeias formam a nação Kaiapó atualmente?

Paikã — Nós somos cerca de oito aldeias Kaiapó.

FMA — Qual a produção de óleo de castanha-do-Pará e a área plantada?

Paikã — A castanha nós estamos usando a nativa. Nós índios ainda estamos dependendo da natureza. Então nós estamos usando a castanha nativa, nós ainda não estamos plantando. A produção de castanha é que nós estamos começando ainda. Ainda este ano nós vamos saber quantos litros de castanha vai ser produzido. No momento nós estamos começando. Há três meses nós produzimos 800 hectolitros. Mas, por exemplo, trabalhando de fevereiro a julho. Mas no próximo ano nós vamos ter um mês certo pra gente ter uma idéia de quanto vai ser produzido, mas no momento todo o trabalho que é desenvolvido com os grupos indígenas não é obrigado, porque eu, que tenho a experiência e a consciência da minha cultura, sei que não podemos obrigar o povo a aprender. Não é assim. Eu acho que fazendo assim a gente vai esquecer muito a tradição e a nossa cultura.

FMA — Quem está comprando a produção de castanha-do-Pará?

Paikã — Nós já temos uma empresa que vende produtos naturais, como xampus, condicionador para pele, creme, óleo para cabelo. Na Inglaterra nós temos uma empresa, uma loja que compra o nosso produto, que chama BODY SHOP. Inclusive uma inglesa está muito interes-

sada em ajudar, comprando o produto do índio para que índio entenda e fique interessado em preservar a própria reserva.

FMA — Esse contrato já foi feito há quanto tempo? Qual o valor dele?

Paikã — Nós não estamos fazendo contrato ainda. Primeiro nós estamos negociando para saber quanto vai sair. Nós já vendemos sem contrato. Por exemplo, se a BODY SHOP vai lançar o produto e vai dar certo, vai vender em todos os países, em todos os mercados, aí a BODY SHOP vai fazer contrato. Nós também vamos fazer contrato. Agora, se a comercialização for boa em todos os mercados, aí nós vamos ter que partir para outra empresa que se interesse em comprar os nossos produtos.

FMA — Você não quer a extração da madeira, mas os caciques são à favor. Como tem sido essa disputa?

Paikã — Quando eu enfrentei, a comunidade resolveu brigar comigo. É arma de fogo, é faca, é borduna, é flecha. Aí eu briguei e não quis mais saber deles. Mas é uma ameaça de briga, tentando calar minha boca. Mas eu não calei minha boca. Então eu disse: vocês respeitam meu trabalho e eu vou respeitar a venda de vocês. Então, o que aconteceu: eles estão respeitando o meu trabalho e eu respeito o deles. Então a gente conversa e não teve mais a briga. Uma negociação, negociando. Então, quando aconteceu essa minha idéia, eu estou delimitando mais ou menos 32 hectares de uma reserva, dentro da reserva. E esse trabalho de preservar essa reserva já está realizado.

Nós já temos empresa que vende produtos naturais com xampu condicionador e creme para pele

FMA — Para onde vai o dinheiro apurado com a venda da madeira?

Paikã — Esse dinheiro está sendo aplicado na compra de alimentação, compra de carro, compra de roupas, de missangas e compras de outras coisas necessárias para os índios.

FMA — O cacique Tutu Pombo é à favor da venda de madeira e ouro para os Kaiapó sobreviverem. Você acredita que seja possível conciliar ecologia com sobrevivência?

Paikã — Olha, eu de um lado tenho uma idéia também que vou falar agora. Por exemplo, todo ecologista está sendo pago por uma entidade, que está sendo paga por um órgão governamental. E nós, os índios? Nenhum grupo indígena está sendo pago para isso, entendeu? Então, eu acho, se o governo pagar para o índio preservar, o índio preserva. Eu acho que os índios iam entender muito bem que a nossa reserva precisa ser preservada. Agora, o governo não dá assistência para o índio, não dá apoio para o índio, não cuida do índio. Eu acho que o KAIPÓ, não é que eu esteja apoiando, né, porque é uma idéia, é um pensamento, meu ponto de vista. Por exemplo, os KAIAPÓ, sem ajuda de governo nenhum, sem ajuda da Funai, eles construíram para eles, compraram um carro para levar o medicamento, a alimentação, por exemplo, eles compraram um avião para levar os índios doentes. Nós estamos mais ou menos com uns cinco ou seis meses que o avião da Funai não vai à reserva dos KAIAPÓ. E até ao contrário. A Funai, quando precisa levar equipe médica, é um órgão federal que cuida do índio, nos consulta pra saber se podem levar outros índios de outras aldeias. Nós concorda-

mos porque os outros índios são nossos parentes e nós vamos dar apoio. Ao invés do governo fazer isso, o próprio índio está fazendo. Eu estou vendo que realmente o índio precisa usar sua própria riqueza para atender a necessidade da comunidade dele.

FMA — Vocês vão fazer a Eco-indígena, durante a ECO-92, no Rio de Janeiro?

Paikã — O KAIAPÓ não está muito envolvido. Mas eu, para a ECO-92, eu estou fazendo este trabalho de uma reserva de pesquisas. Esse trabalho vai ser apresentado na ECO-92, no Rio. É para que outras pessoas tenham idéia de como nós estamos trabalhando.

FMA — Esta pesquisa é orientada por alguma instituição?

Paikã — Eu estou começando a reunir com os grupos de entidades, que chama de Conservação Internacional. É uma entidade que está sendo respeitada no mundo, e que está me ajudando neste trabalho de pesquisa de reserva ecológica.

FMA — Você já recebeu algum tipo de ameaça?

Paikã — Pelos meus próprios irmãos eu já sofri. E ainda estou sofrendo, mas não é ameaça igual como acontece na cidade, ameaça para ficar calado, não falar mais. Mas quando mandam eu calar, eu falo mais.

FMA — E como é o seu nome de origem?

Paikã — Meu nome registrado na tradição da minha cultura é BEP KOROROTY. Nome registrado no papel para ser reconhecido, lendo, é Paulinho PAYAKÃ. Eu prefiro que me chamem PAYAKÃ, eu me sinto bem do que chamando cacique.

FMA — Você tem que nível de estudo?

Paikã — Eu já estudei, mas não tenho muito estudo.

SUMMARY

The 37 year old indian Bep Kororoty (his baptism name used in the village) known among the white men as Paulino Payaxã doesn't want to be called a "cacique" (indian tribal chief) anymore. He states that the word "cacique" is associated with the sale of gold and wood in the Kayapó's Reserve, located in the south side of Pará state, 1.200 kilometers from Belém, the capital city. Payaxã prefers to be called the leader of AU-KRÓ village, which is the result of the division of the KUBEM KRÁ KEN village, his home village.

At the moment, Payakã has a big dream, to become the most important environmentalist among the Kayapó people. A dream that, according to him, will come true soon. In order this can happen, he wants to keep away from the white man and organize the Kayapó territory. "We were beginning to organize ourselves and as always happens, the white man comes in to destroy the union of indigenous peoples", protest Payakã.

Payakã's observation reflects the idea contained in his project for the organization and survival of his people. He accuses the Federal Government and FUNAI (as institution in charge of indigenous peoples in Brazil) of not doing anything for the brazilian indian. If the government pays for the indian to preserve, the indian preserves, says the Kayapós leader.

Knowing that this was a utopia, Payakã decided to strive for his ideas and put his project into practice. He plans to create a television station, which he calls "TV Kayapó", a university and an industrial plant for Brazil Nuts (a native fruit to the region, which is already exported to many countries).